

JOGOS COOPERATIVOS - A COOPERAÇÃO COMO EIXO NA CONSTRUÇÃO DO SABER

Flávia Aparecida Thomaz¹

Prof. Rozinaldo Galdino da Silva (O)²

1- INTRODUÇÃO

O processo de construção do conhecimento requer reflexão, tanto pelos educandos como pelos professores, para que construam hipóteses, conceitos e saberes. Uma das funções dos professores é planejar como proporcionar ao educando caminhos que garantam sua aprendizagem.

Os jogos e brincadeiras são grandes instrumentos que podem e devem ser utilizados pelo educador, auxiliando-os para que seus objetivos e metas sejam alcançados, contribuem para que os alunos tenham acesso a uma boa educação, como consequência boa formação crítico-autônoma.

O jogo, segundo Snyders (1981), é evidenciado como um dos processos mais ricos para se atingir a educação, pois através dele existe a oportunidade para desenvolvimento da lógica, do relacionamento humano, das responsabilidades coletivas e da criatividade.

Devido aos problemas atuais encontrados no âmbito escolar tais como, exclusão, descomprometimento familiar, individualismo e competitividade, tornam-se necessárias e indispensáveis atividades que visem à cooperação. Atividades cooperativas tendem a beneficiar a construção do conhecimento dentro e fora da instituição escolar, na melhoria da convivência humana.

Os jogos e brincadeiras cooperativas conseguem transmitir e dinamizar uma outra visão do jogo, a de enxergar o outro como parte integrante do jogo, como companheiro e não como adversário, o objetivo da atividade é superar desafios e não derrotar os outros participantes, favorecendo a inclusão de todos. Contribui para que os participantes aprendam a cooperar e possam transferir essa concepção para seu cotidiano.

¹ Professora de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, Diretoria Regional de Ensino de Matão/Araraquara e aluna da I Turma do Curso de Especialização em Educação Física Escolar (lato sensu) do DEFMH/UFSCar.

² Professor Adjunto do DEFMH/UFSCar e do Curso de Especialização em Educação Física Escolar.

Considerando que as atividades cooperativas ajudam na formação dos cidadãos e contribuem para uma sociedade mais justa, esse trabalho tem como finalidade verificar qual a importância dos jogos cooperativos dentro do processo educacional e se a cooperação faz parte dos conteúdos trabalhados e objetivos propostos pelos profissionais de Educação Física do Ensino Fundamental, enquanto veículo para o saber ou como conteúdo propriamente dito.

Utilizando os dados obtidos a partir das entrevistas com os professores de Educação Física da cidade de Descalvado, das observações das aulas desses professores, do registro fotográfico e do relato dos alunos que vivenciaram aulas onde foram utilizados os Jogos Cooperativos, é feita uma discussão a fim de que se possa analisar e refletir sobre a concepção e utilização da cooperação nas atividades escolares, promovendo de maneira prazerosa e lúdica, o desenvolvimento global do aluno.

2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na realização deste trabalho, foi feita a revisão bibliográfica acerca dos aspectos positivos da cooperação e a história dos jogos cooperativos, sobre a construção do conhecimento com auxílio dos jogos e brincadeiras e importância da Educação Física no processo educacional. Preocupou-se também com a literatura e legislação da formação e prática docente.

Abordou-se através de entrevistas professores do Ensino Fundamental da rede estadual e municipal da cidade de Descalvado, na intenção de verificar o que estes profissionais entendem por jogos cooperativos e se os utilizam em sua prática docente.

A realização do trabalho contou também com o registro fotográfico de algumas aulas onde a cooperação foi trabalhada enquanto conteúdo e outras em que os jogos cooperativos apareceram como estratégia. Foi feito um registro por parte desses alunos a respeito de como vivenciaram as aulas. Também foram observadas aulas ministradas pelos profissionais entrevistados, na tentativa de verificar como são as aulas e se a cooperação está inserida.

3 - A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO PROCESSO EDUCACIONAL

Para a melhor compreensão do papel dos Jogos Cooperativos dentro do processo educacional, primeiramente discutiremos os objetivos e a importância da Educação Física, considerando seu processo histórico dentro de nossa sociedade, suas mudanças e atuais necessidades. Desde as primeiras décadas do século XX, a Educação Física mantém vínculos

com a instituição escolar brasileira, como um componente curricular formalmente integrado ao ensino fundamental e médio, se estendendo também a educação infantil, contribuindo na formação e o desenvolvimento dos educandos. Através de dados históricos constatamos que no século XIX e no início do século XX, a importância da Educação Física era pelo seu caráter higiênico, posteriormente, o objetivo passou a ser disciplinar o corpo para o trabalho. Um pouco mais adiante, a Educação Física voltou-se para o aproveitamento sadio das horas de lazer (Guiraldelli, 1988), cujo objetivo, ainda hoje, é observado em pessoas que o único contato com esta área se resume ao lazer de uma vez por semana. No período da Ditadura Militar, a justificativa da Éfera era da sua capacidade de “canalizar energia”, onde o trabalho braçal era visto com maus olhos, por isso não se relacionavam muito bem com os intelectuais.

A partir de 1994, Mauro Betti em seus escritos, passou a referir-se como sendo objeto de estudo da Educação Física a cultura corporal de movimento ou apenas cultura corporal, por entender que assim estaria lhe conferindo maior amplitude de conhecimento. Betti, citado por Daólio (2004), observa a Cultura corporal como:

- Corpo/movimento, termos que conferem especificidade à Educação Física, área que tem nas atividades corporais de movimento, simultaneamente, seus meios e seus fins;
- Acesso à cultura corporal de movimento como sendo o objetivo da Educação Física escolar a integração da personalidade do aluno nessa esfera da cultura. A utilização do conceito de personalidade procura resgatar a unidade do ser humano, perdida no discurso científico.
- Personalidade aqui é tomada não como característica interna e inata, mas como fruto de constante produção ao longo de toda a vida do indivíduo, mediada pelas relações sociais e pelas suas atividades na prática social e sobre a natureza.

A Educação Física é, portanto, uma prática pedagógica que tematiza, com intenção pedagógica, as manifestações da cultura corporal em movimento (Daólio, 2004). Neste sentido, é possível compreender que a Educação Física, enquanto disciplina, tem como objeto de estudo a cultura corporal de movimento. Relaciona o movimento humano com a cultura por ele produzida historicamente e a qual ainda está por produzir, uma vez que não se trata de algo pronto ou

acabado, mas que está em evidente produção o tempo todo, fazendo-nos repensar nossas ações no interior das escolas, em nossa prática pedagógica.

Percebemos a ampla gama de conhecimentos que envolvem a Educação Física quando nos deparamos com a da Resolução CNE/CES 7/2004 descreve a Educação Física como sendo:

Art. 3º - A Educação Física é uma área de conhecimento e de intervenção acadêmico-profissional que tem como objeto de estudo e de aplicação o movimento humano, com foco nas diferentes formas e modalidades do exercício físico, da ginástica, do jogo, do esporte, da luta/arte marcial, da dança, nas perspectivas da prevenção de problemas de agravo da saúde, promoção, proteção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e reeducação motora, do rendimento físico-esportivo, do lazer, da gestão de empreendimentos relacionados às atividades físicas, recreativas e esportivas, além de outros Campos que oportunizem ou venham a oportunizar a prática de atividades físicas, recreativas e esportivas. (p. 1)

Segundo Pereira (1988) “Educação física é à parte da educação do ser humano que acontece á partir do movimento, com o movimento e para o movimento”. Desta forma valorizam o conhecimento do corpo humano e objetivam o seu desenvolvimento. Pereira afirma que a Educação Física é a educação corporal, que visa à plena elevação cultural, harmoniosa e integral do homem, através do desenvolvimento e treinamento de habilidades motoras e qualidades físicas psíquicas e morais.

Segundo o Coletivo de Autores (1992), a Educação Física escolar tem como objeto de estudo a reflexão sobre a cultura corporal, mas voltada para a contribuição na afirmação dos interesses de classes das camadas populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade substituindo individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com a apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos – a emancipação – negando a dominação e submissão do homem pelo homem. Ainda que provisoriamente os autores definem a Educação Física como:

(...) uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividade expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultural corporal. (p.50)

A vivência e a construção de nossa cultura corporal acaba refletindo no nosso meio social, segundo Medina (1983) atividades específicas da Educação Física que para ele se resume na “arte e a ciência do movimento humano” contribuem para o desenvolvimento integral dos seres humanos, provocando transformações e renovações no sentido de sua auto-realização e em busca de uma sociedade mais justa e livre.

Para Betti (1992) [...] a Educação Física passa a ter a função pedagógica de integrar e introduzir o aluno no mundo da cultura física, formando-o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física (o jogo, o esporte, a dança, a ginástica ...).

A importância da Educação Física está na capacidade de possibilitar o acesso da criança à cultura corporal e à compreensão da realidade. Segundo o PCN (2001, p.15) nas séries iniciais do Ensino Fundamental, a Educação Física é importante pois:

(...) possibilita aos alunos terem, desde cedo, a oportunidade de desenvolver habilidades corporais e de participar de atividades culturais, como jogos, esportes, lutas, ginásticas, danças, com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções.

No entanto em muitas instituições escolares a Educação Física acaba sendo uma simples prática esportiva ou a momentos de lazer e diversão, quando sabemos que é muito mais que ensinar um gesto motor correto. Nestas instituições o corpo parece visto como algo dissociado da mente, como se só fosse necessário utilizar a mente, a educação motora parece estar em segundo plano, mesmo sabendo que a Educação Física contribui para o aprendizado das outras disciplinas.

A Educação Física é tão importante quanto as outras disciplinas e deve ser valorizada dentro da escola, para isso é necessário que os professores de Educação Física saibam argumentar sobre os assuntos ligados a área e cumpram o seu papel, planejando seus objetivos e escolhendo os conteúdos de acordo com a realidade de cada turma, traçando estratégias e colhendo resultados, visando desenvolver não apenas as habilidades motoras e o rendimento padronizado, mas o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo do educando.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001) a Educação Física é entendida como uma cultura corporal e dentre as produções desta, foram incorporadas em seus conteúdos: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta.

O corpo se manifesta através de sua cultura, que deve ser compreendida por professores e alunos, de maneira a facilitar aprendizagem, desenvolver competências que possibilitem aos educandos refletir sobre seus atos, isso vai desde valorizar um espetáculo de dança, a crítica do uso de anabolizantes.

Para Piccolo (1995), a Educação Física Escolar deve visar o desenvolvimento global dos alunos procurando torná-los mais criativos, independentes, responsáveis, críticos e conscientes. Para isso o professor pode utilizar uma metodologia que possibilite ao educando produzir seu conhecimento, ao invés de apresentar os conteúdos de forma rígida.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) é necessário que se identifique a importância do desenvolvimento da motricidade global e harmoniosa, compreendendo as limitações dos alunos, proporcionando a esses uma autopercepção e aperfeiçoamento de novas capacidades motoras, evitando modelos estereotipados.

Sobre os conteúdos da Educação Física, o esporte é um dos mais utilizados, este de atuar no desenvolvimento da cidadania, de acordo com Tubino (2001), quando atua com essa finalidade, é apoiado nos princípios em que a inclusão de todos reforça a democratização da prática esportiva, não tendo responsabilidades diretas com o desenvolvimento e formação de atletas. Segundo o autor o esporte-educação tem um conteúdo fundamentalmente sócio-educativo. Baseia-se em princípios como, cooperação, co-educação, integração e responsabilidade.

Uma orientação educativa, de acordo com Teotônio Lima (citado por Tubino, 2001, p. 35) estará atrelada a três áreas de atuação pedagógica:

- Área de integração social, onde os educandos devem ter oportunidades de decidir a organização das atividades físicas educativas, com possibilidade de intervenção, como oportunidade de intervir também nas atividades esportivas extra-escolares, em sua comunidade.
- Área de desenvolvimento psicomotor, onde devem ser oferecidas oportunidades de participações que atendam as necessidades de movimento, como também juízo crítico, auto-avaliação, sem discriminações.
- Área de atividades físicas educativas, onde estas devem ser direcionadas para as aptidões em capacidades, e aquisição de níveis superiores das mesmas.

A Educação Física deve possibilitar o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal, formar cidadãos que irão produzir e modificar essa cultura, buscando assumir seu papel social e melhoria da qualidade de vida. Deve contribuir para a construção de um estilo pessoal e oferecer instrumentos para que possam apreciá-la criticamente.

Devemos oportunizar ao aluno aprender a organizar-se socialmente, sabendo interpretar, interagir com o meio, com objetos e com os outros, obtendo assim uma cultura corporal com um desenvolvimento afetivo, social, cognitivo e motor.

Atualmente a Educação Física Escolar tem um novo desafio, proporcionar ao educando o conhecimento do seu corpo, usando-o como instrumento de expressão e satisfação, respeitando suas experiências anteriores e dando-lhes condições de criar novas formas de movimento, garantindo sua qualidade de vida futuramente.

A concepção de cultura corporal amplia a contribuição da Educação Física para o pleno exercício da cidadania, também adota uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busca o desenvolvimento a cooperação, da participação social, afirmação de valores e princípios democráticos e autonomia para monitorar suas próprias atividades, conhecendo suas potencialidades e limitações em benefício à sua saúde.

A Educação Física deve desenvolver uma concepção harmônica entre o corpo e mente, e não um confronto entre a atividade intelectual e a atividade corporal, para que favoreça as relações entre o eu e o outro. No processo educacional verdadeiro professores e alunos estão inseridos em sua totalidade, de corpo inteiro.

Espera-se que ao aluno cumprir seu processo de escolarização utilize seu conhecimento construído para manter o hábito da prática de atividades físicas, se alimentando de forma correta, melhorando cada vez mais sua qualidade de vida.

A Educação Física deve desenvolver o senso crítico do aluno frente a valores sociais como os padrões de beleza impostos pela mídia, que dominam as pessoas em busca de um corpo “perfeito”, onde muitas crianças que fogem desses padrões pré-estabelecidos acabam sendo discriminadas, ou sendo donas de uma baixa-estima.

Portanto, o educador deve repensar e planejar sua prática pedagógica, esta deve estar de acordo com a necessidade dos alunos, onde o objetivo central e primordial se trata do desenvolvimento do indivíduo num contexto humano, conseqüentemente, cultural e social.

Devemos persistir no cumprimento de nosso papel como educador, seja esse caminho fácil ou tortuoso, para que nosso trabalho seja valorizado e sua importância seja visível no progresso de cada aluno, no incentivo de cada família, na luta e profissionalismo de cada educador e na dignidade de cada atitude.

4 - JOGOS, BRINCADEIRAS E A COOPERAÇÃO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

“Queremos provocar movimento...acreditamos que “é pelo jogo, pelo brinquedo, que crescem a alma e a inteligência. (...) Uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de velho, será um adulto que não saberá pensar”. Chateau (1987:14).

Aprender é fundamental para a sobrevivência e evolução do ser humano, a aprendizagem ocorre quase continuamente, o que aprendemos hoje influencia o modo que faremos as coisas. Ao entrar na escola a criança traz diversos conhecimentos sobre movimento, corpo e cultura corporal, vivências de grupo cultural em que está inserida.

A aprendizagem é intrínseca, leva em conta as capacidades, aptidões, seu desenvolvimento neuropsíquico, os interesses e necessidades. Constitui um processo global e cumulativo, porque desenvolve as várias áreas da personalidade do indivíduo, e se desenvolve em etapas encadeadas e contínuas.

Quando se efetiva uma nova aprendizagem, nossa “bagagem” aumenta, modificando nossa maneira de perceber, adquirimos outros comportamentos, esta mudança de comportamento é o que comprova a realização de que realmente aprendemos. O processo ensino-aprendizagem nem sempre ocorre simultaneamente, cada pessoa apresenta características próprias, necessidades, interesses, capacidades, tendências diferentes, assim o tempo para que uma aprendizagem se efetive varia de pessoa para pessoa. As oportunidades de aprendizagem oferecidas pelo professor devem atender às diferenças individuais.

Freire (1996) alega que aprender é um processo que desperta no educando a curiosidade, tornando-o cada vez mais criador. A curiosidade deve ser despertada, de maneira que impulse o aluno a buscar mais conhecimento.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p.27) “a Educação Física pode sistematizar situações de ensino e aprendizagem que garantam aos alunos o acesso a conhecimentos práticos e conceituais”. Assim deve ser enfatizado uma concepção que abranja todas as dimensões envolvidas em cada prática corporal. O processo de ensino e aprendizagem desta forma não se restringe a algumas habilidades e destrezas, mas capacitar o aluno para que possa refletir sobre suas possibilidades corporais e com autonomia exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada.

Situações lúdicas, competitivas ou cooperativas são contextos favoráveis de aprendizagem, permitindo a atividade uma ampla gama de movimentos que solicitam do aluno sua atenção na tentativa de executá-los de forma adequada e satisfatória.

Os jogos e brincadeiras são instrumentos valiosos que o professor pode disponibilizar para alcançar seus objetivos. Sobre a importância destes na formação das pessoas, Sérgio (1996) afirma que: “O jogo não é uma fase, mas a dimensão da própria vida”. Quando utilizamos o jogo como uma atividade de desenvolvimento humano, estamos proporcionando aprendizagem de uma maneira lúdica, de maneira crítica e consciente.

Friedmann (1996), baseando-se nos estudos de Piaget, afirma que o jogo pode ser utilizado como forma de incentivar o desenvolvimento humano por meio de diferentes dimensões, que são:

- O desenvolvimento da linguagem: onde a jogo é um canal de comunicação de pensamentos e sentimentos.
- O desenvolvimento moral: é um processo de construção de regras numa relação de confiança e respeito.
- O desenvolvimento cognitivo: dá acesso a um maior número de informações para que, de modo diferente, possam surgir novas situações.
- O desenvolvimento afetivo: onde facilitam a expressão de seus afetos e suas emoções.
- O desenvolvimento físico-motor: explorando o corpo e o espaço a fim de interagir no seu meio integralmente.

Brincar é algo sério, indispensável para o desenvolvimento integral do aluno. Ao observarmos os brinquedos e brincadeiras dos alunos conhecemos um pouco mais de cada um deles, de suas vidas. O jogo tem um papel muito importante nas áreas de estimulação da pré-escola, pois as crianças utilizam o jogo simbólico para se introduzirem no mundo dos adultos, para compreenderem melhor as situações vivenciadas, é uma das formas mais naturais da criança entrar em contato com a realidade. Representando papéis, constrói conhecimento e, conseqüentemente sua própria personalidade.

Para Elkonin (citado por Bomtempo, 2004), a mudança no conteúdo da brincadeira da criança está relacionada à mudança em suas atividades rotineiras. Na medida em que esta vivência vai se modificando e ampliando, suas brincadeiras vão evoluindo. Segundo Bomtempo (2004), pesquisas recentes supõem que brincar pode aumentar certos tipos de aprendizagem, principalmente os que necessitam de processos cognitivos mais elevados e automotivação. Desta forma ao proporcionarmos tempo para explorarem os materiais na brincadeira de faz-de-conta, estamos proporcionando um momento de aprendizagem.

Segundo Vygotsky (1984), no brincar a criança está sempre acima de sua idade média, de seu cotidiano. Desta forma a aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimentos, ou seja, se cria a zona de desenvolvimento proximal, por apresentar habilidades não esperadas por sua idade. O autor ainda destaca a possibilidade de uma criança se beneficiar com a colaboração de outra, que só ocorre num determinado nível de desenvolvimento.

O jogo corresponde a atividades lúdicas, intelectuais e afetivas, estimula a vida social. Serve também como método de ensino que promove as habilidades nos processos de construção de conhecimento. O jogo desenvolve a inteligência, linguagem, coordenação, autocontrole e autoconfiança.

Dentro da categoria jogo encontramos uma variedade imensa de jogos conhecidos como faz-de-conta, simbólicos, motores, sensório-motores, intelectuais ou cognitivos, de exterior, interior, individuais ou coletivos, metafóricos, verbais, de palavras, políticos, de adultos, de animais, de salão entre outros.

No que se refere aos jogos e brincadeiras que possuem regras Piaget (1971) afirma que as estas são resultados da organização coletiva das atividades lúdicas, podendo ter o mesmo conteúdo dos jogos de exercício e jogos simbólicos. As regras podem ser construídas pelo grupo

ou espontaneamente, esta última surge no momento da brincadeira e são mais flexíveis. Os jogos com regras podem estimular a competição, o desejo de ganhar ou a cooperação.

De acordo com Freire (1989), as pessoas com quem a escola de 1ª a 4ª série conta são especialistas em brincar. Portanto devemos aproveitar desta especialidade para trabalharmos diversos conteúdos, inclusive a cooperação, sendo esta essencial para a sobrevivência humana.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 38):

Depurar com suas potencialidades e limitações para buscar desenvolvê-las é parte integrante do processo de aprendizagem das práticas da cultura corporal e envolve sempre um certo risco para o aluno, pois o êxito gera um sentimento de satisfação e competência, mas experiências sucessivas de fracasso e frustração acabam por gerar uma sensação de impotência que num limite extremo, inviabiliza a aprendizagem.

Os Jogos Cooperativos contribuem no processo de ensino e aprendizagem, por favorecerem a inclusão, não existem perdedores ou fracassados. Segundo Brotto (1999) esses tipos de jogos possibilitam que dois aspectos fundamentais sejam desenvolvidos: a auto-estima, despertando e desenvolvendo talentos, vocações, dons e tons pessoais, como peças singulares, importantes e fundamentais ao jogo da co-existência e relacionamento com o outro, como um princípio necessário para aproximação, entrelaçamento e arranjo harmonioso de cada uma das diferentes peças para a “re-criação” do todo. O mesmo autor (1999, p. 58) afirma que: “...são uma abordagem filosófica pedagógica criada para promover a ética da cooperação e a melhoria da qualidade de vida para todos, sem exceção”.

Sobre a utilização da cooperação no processo de ensino e aprendizagem Orlick (1978) citado por Soler (2003, 32) afirma que:

Crianças educadas na cooperação, na aceitação e no sucesso têm uma chance muito maior de desenvolver uma saudável auto-imagem, uma adequada auto-estima, da mesma forma como crianças nutridas com dietas balanceadas têm uma maior chance de desenvolver corpos fortes e saudáveis. (p.32)

As aulas de Educação Física devem contemplar as diferentes competências de todos os alunos, possibilitando o desenvolvimento de suas potencialidades e não enfocando apenas aqueles que têm mais facilidade frente a certos desafios. De acordo com os Parâmetros

Curriculares Nacionais (2001) se a criança é tachada de incompetente, por ter algum tipo de dificuldade, dificilmente superará suas limitações, o professor deve buscar dar oportunidades nas atividades para que as diferenças individuais sejam valorizadas e não acentuadas. Através dos Jogos Cooperativos podemos trabalhar a favor de uma educação não competitiva, não excludente, onde todos tenham o mesmo direito de atuar dentro do jogo, sejam valorizados por sua participação e a vitória seja comum a todos. Segundo Orlick (1989): “Quando todos podem ganhar com a contribuição de todos, algo estranho acontece. As pessoas começam ajudar umas às outras”.

Se queremos um mundo cooperativo e não competitivo, porque não começarmos a trabalhar isso em nossas aulas? Para isso Precisamos de homens que saibam ser e agir cooperativamente e não individualistas. Orlick (1989) indica um caminho:

“Se nossa qualidade de vida futura, e talvez até nossa sobrevivência, depende da cooperação, todos pereceremos se não estivermos aptos a cooperar, a ajudar uns aos outros, a sermos abertos e honestos, a nos preocuparmos com os outros, com as nossas gerações futuras”.

O papel do professor é mediar os conteúdos para que o educando construa progressivamente o seu conhecimento, de acordo com os Parâmetros curriculares Nacionais (2001) sua intervenção deve ser elaborada de modo que os alunos tenham escolhas a fazer, decisões a tomar, problemas a serem resolvidos, de maneira que se tornem cada vez mais responsáveis e independentes. Nossa sociedade necessita de cidadãos que atuem cooperativamente, não só com as pessoas, mas com tudo que o cerca, animais, plantas, etc. Sobre isso Orlick (1989, p.217) nos diz que:

A sociedade humana tem sobrevivido porque a cooperação de seus membros tornou possível a sobrevivência. A cooperação contínua é talvez mais importante para o homem que para qualquer outra espécie, porque a ação humana tem um efeito direto sobre todas as outras espécies. Não só tem a capacidade de enriquecer ou destruir a si mesmo, como também a todo o ambiente natural.

A cooperação faz parte do processo educacional quando alunos e professores se dispõem a ensinar e aprender, quando fazem parte de nossos objetivos, conteúdos ou estratégias.

Os jogos e brincadeiras tornam o processo educacional agradável, tanto para quem ensina, como para quem aprende. O Educador deve indicar um caminho e o educando deve trilhá-lo.

5 - JOGOS COOPERATIVOS

*“Eu, não nós
Eu não, nós
Porque nós é feito de D’eus”
(Geraldo Eustáquio)*

As práticas esportivas, o lazer e o lúdico são veículos para uma boa educação, além do que é muito prazeroso jogar, principalmente quando não há perdedores, quando se visa superar obstáculos, desafios, de maneira cooperativa.

De acordo com Teixeira (2001) os Jogos Cooperativos surgiram da reflexão do quanto é valorizado o individualismo e a competição principalmente pela cultura ocidental.

Um dos maiores estudiosos dos Jogos Cooperativos é Terry Orlick, segundo ele os Jogos Cooperativos tiveram início a milhares de anos atrás, quando membros das comunidades tribais se uniram para celebrar a vida. Fábio Brotto acrescenta que alguns povos ancestrais, como os Inut (Alasca), Aborígenes (Austrália), Tasaday (África), Arapesh (Nova Guiné), os índios norte americanos, brasileiros, entre outros, ainda praticam a vida cooperativamente através da dança, do jogo e outros rituais, praticando-os consciente ou inconscientemente.

A sistematização dos Jogos Cooperativos ocorreu na década de 50, nos Estados Unidos, a partir de vivências e experiências, com o trabalho pioneiro de Ted Lentz. Desde então, estudos e programas expandiram-se para muitos países principalmente Canadá, Venezuela, Escócia e Austrália, entre outros. Atualmente são vários os países que desenvolvem trabalhos com os Jogos Cooperativos de maneira mais acentuada.

Terry Orlick é um dos percussores dos Jogos Cooperativos, da Universidade de Ottawa no Canadá, que publicou o livro "Winning Through Cooperation" (Editado em português como "Vencendo a Competição") obra reconhecida mundialmente, como uma das principais fontes de inspiração e compreensão dos Jogos Cooperativos, (1978). Para Orlick o principal objetivo do Jogo Cooperativo está em criar oportunidades para o aprendizado cooperativo e a interação cooperativa prazerosa. Segundo ele a principal diferença entre Jogos Cooperativos e competitivos é que nos Jogos Cooperativos todo mundo coopera e todos ganham, pois tais jogos

eliminam o medo e o sentimento de fracasso. Eles também reforçam a confiança em si mesmo, como uma pessoa digna e de valor.

No Brasil os Jogos Cooperativos começaram a serem difundidos em 1980, através de Fábio Otuzi Brotto. A princípio tiveram maior repercussão dentro de programas de Graduação e Pós-graduação em Educação Física, atualmente é proposto como experimento em diversas áreas; como no esporte em geral, em Pedagogia, Administração de Empresas, Psicologia, Filosofia, Movimentos Comunitários, ONGS, Saúde, Desenvolvimento do Potencial Humano e tantas outras, sendo desenvolvidos com pessoas e grupos muito diversificados e de todas as idades.

Os Jogos Cooperativos transmitem e dinamizam uma outra visão do jogo, a de enxergar o outro como parte integrante do jogo, como companheiro e não como adversário, fazendo com que os participantes aprendam a cooperar e possam levar isso para seu cotidiano.

Segundo Lê Boulch (1988, p.305): “A Cooperação exige que a criança possa colocar-se sob o ponto de vista do colega, que descubra suas possibilidades com relação à situação e que capte suas intenções”.

No Jogo Cooperativo busca-se superar desafios, e não derrotar alguém, os participantes passam a ter consciência dos próprios sentimentos, passam a colocar uns no lugar dos outros, dando prioridade ao trabalho em equipe, joga-se para gostar do jogo, pelo prazer de jogar com os outros, joga-se com um parceiro e não com um adversário. Através desses jogos é possível reconhecer que todos os jogadores são importantes para se alcançar o objetivo final, priorizando o trabalho em equipe, não se comparam habilidades, nem performance anteriores.

Para que seja possível ensinar a forma de jogar e agir cooperativamente, necessitamos do que Brotto (1999) chamou de ciclo da aprendizagem: Vivência, Reflexão e Transformação. Onde a Vivência se refere a valorizar a inclusão de todos, respeitando as diferentes possibilidades de participação. A Reflexão, criando um clima de cumplicidade entre os participantes, levando-os a refletir sobre as possibilidades de mudanças do jogo, de melhoria na participação, o prazer e a aprendizagem de todos. Transformação, sustentando o diálogo, a decisão através de um consenso, experimentar as mudanças propostas e integrar todas as transformações desejadas.

Orlick (1989), classifica os Jogos Cooperativos em categorias, onde em todas elas existe a cooperação, mesmo que de diferentes formas, assim temos:

- O Jogo Cooperativo sem perdedores, onde temos um único grande time, onde todos os participantes procuram superar um desafio em comum
- Jogos de resultado Coletivo entre duas ou mais equipes, que incorporam a coletividade por um objetivo ou resultado comum a todos, sem nenhuma competição entre as equipes que necessitam de alto grau de cooperação entre si.
- Jogo de inversão. Nesse tipo de jogo não existe um time fixo, portanto o mais importante não é quem venceu e sim jogar pelo prazer do jogo. Dependendo o tipo do jogo e das regras, podem ser vários os tipos de inversão. Exemplos: Rodízio: Os jogadores trocam de times em determinados momentos, por exemplo, no final do lance, do saque ou arremesso. Inversão do "Goleador": Quem faz ponto muda de time. Inversão do placar: Os pontos são marcados para o outro time. Inversão Total: Tanto quem faz ponto quanto os pontos passam para o outro time.
- Jogos Semicooperativos. Nesses jogos um time joga contra o outro, mas o resultado não é o mais importante e sim o envolvimento no jogo e na diversão. Favorecem a cooperação do grupo e oferecem as mesmas oportunidades de jogar para todas as pessoas do time. Todos jogam: Procura-se fazer com que todos participem e joguem o mesmo tempo. Todos tocam/todos passam: Antes de tentar o ponto a bola precisa passar por todos os jogadores do time. Todos marcam ponto: Para vencer o jogo cada jogador do time precisa ter marcado ponto pelo menos uma vez. Passe misto: jogado com homens e mulheres onde a bola precisa passar alternadamente por homens e mulheres. Resultado misto: Jogo com times mistos onde os pontos são marcados alternadamente por homens e mulheres. Todas as posições: Todos os jogadores passam por todas as posições do jogo.

De acordo com Orlick (1989), os Jogos Cooperativos sem perdedores, os Jogos de Resultado Coletivo e os de Inversão são bem aceitos por todas as faixas etárias, enquanto os jogos de resultado coletivo encontram um pouco mais de dificuldade em seus estágios iniciais de introdução. Desta forma, cabe ao professor ao trabalhar com uma atividade cooperativa adaptá-la e fazer com que o desafio seja apropriado ao seu grupo de trabalho.

Os Jogos Cooperativos são classificados por David Earl Platts, segundo Teixeira

(2001) de acordo com a sua finalidade como instrumento de aprendizagem, integração e visão sistêmica. Desta forma temos:

- **Jogos de Quebra-gelo e Integração:** São jogos de abertura, nomes, ação, folia, musicais e dança. São jogos rápidos, com muita ação e gasto de energia. Une o grupo, ajudando os participantes a memorizar o nome de cada um, na socialização e descontração. Segundo o autor podem ser usados para iniciar uma reunião, nos intervalos e para motivar o grupo.
- **Jogos de Toque e Confiança:** Esses jogos ajudam os participantes a perceberem como lidam com a confiança em seu cotidiano. Devem ser introduzidos após um momento inicial de integração, trabalhando gradativamente os objetivos traçados. É necessário que o focalizador tenha certo cuidado com esses jogos, estando atendo ao momento do grupo e as reações de cada um dos participantes.
- **Jogos de Criatividade, Sintonia e Meditação:** São jogos que estimulam a expressão da imaginação, intuição e criatividade. Nesses jogos os participantes podem expressar o que perceberam e descobriram em si mesmos e no grupo. Neste momento o grupo já existe uma completa integração de todos, possibilitando um aprofundamento e discussão do que vivenciado.
- **Jogos de Fechamento:** Através destes jogos os participantes podem se posicionar em relação ao grupo e a si mesmas, transferindo o que foi vivenciado para seu cotidiano.

Os Jogos Cooperativos possibilitam que as pessoas sejam valorizadas, que as diferenças individuais sejam nulas, permite que cada um contribua para a superação dos desafios dentro de suas possibilidades, que nossos valores sejam discutidos e nossa visão de mundo seja ampliada. Para Brotto (2001) jogamos de acordo com nosso jeito de ver e viver cada situação e vivenciamos os Jogos Cooperativos como: “... uma prática re-educativa, capaz de transformar nosso Condicionamento Competitivo em Alternativas Cooperativas para realizar desafios, solucionar problemas e harmonizar os conflitos”.

6 - FORMAÇÃO DOCENTE

“Refletir é olhar a própria ação de uma maneira particular e à distância. É tomar uma certa distância para melhor julgar o que se está fazendo, o que se fez, ou o que se fará”. Pierre Furter

Idealizamos um ensino de qualidade, mas para que este aconteça depende de uma série de fatores, principalmente de como o professor traça seus objetivos, procedimentos, como avalia o aluno e seu próprio trabalho, como exerce sua função de educador. Portanto é necessário que o professor tenha também uma formação de qualidade, que lhe permita fazer a ligação teoria e prática e lhe dê base para que tenha uma boa atuação.

Atualmente nos deparamos com professores no início de carreira que enfrentam muitas dificuldades, como: quais conteúdos devem ser trabalhados, qual método deve ser adotado, como deve lidar com seus alunos, até mesmo de como se relacionar bem com o corpo docente, entre outros e professores que já trabalham a algum tempo e passam por problemas semelhantes, alguns acabam se acomodando, não procuram atualizar-se, não planejam aulas, apenas as repetem. Isso impede que os alunos vivenciem inúmeras situações dentro das aulas de Educação Física. Daí a importância de refletirmos sobre os cursos de graduação em Educação Física, o que estes estão proporcionando aos futuros professores, o que esses contribuíram para os professores que já estão atuando e quais mudanças seriam necessárias para que esses cursos oferecessem uma base sólida e reflexiva aos futuros profissionais.

Benites e Souza Neto (2005) afirmam que as diretrizes curriculares, enquanto políticas públicas, orientam a formação dos professores, trazendo subjacente a ela concepções sobre a identidade docente, ou seja, as novas Diretrizes Curriculares para a Formação dos Professores da Educação Básica, licenciatura plena, propõe um curso com identidade própria ao estabelecer conhecimentos e competências específicas para a atuação docente.

Com a Resolução CNE/CP 1 e a Resolução CNE/CP, promulgadas em 2002, foram dadas novas orientações para a formação de professores, com novas diretrizes que buscaram dar coerência e continuidade à formação de professores, de acordo com Benites e Souza Neto (2005) a resolução:

- Garante aos cursos de Licenciatura, formadores de especialistas por área de conhecimento ou disciplina, focar de maneira mais aprofundada os conteúdos que serão desenvolvidos no ensino fundamental e médio, sem focar exclusivamente nos conteúdos específicos das áreas e;
- Propõe uma concepção de prática, como uma dimensão do conhecimento que tanto está presente nos cursos de formação, quando se trabalha sobre a reflexão da atividade profissional, durante o estágio e nos momentos de exercício da atividade profissional.

Segundo a Resolução CNE/CP 1 de 2002 a qualidade da formação do profissional de Educação Física vem sendo comprometida pelo aumento indiscriminado de cursos de Educação Física e uma mercantilização do seu ensino. Pois existem leis que permitem uma formação imprópria à realidade em que vivemos hoje, deturpando desta forma, o exercício da profissão de professor de Educação Física. Também é exigido um currículo mínimo, o qual segundo a resolução estimula a fraude e simulação. Muitas escolas superiores de Educação Física possuem currículos defasados, que não atendem as novas exigências sociais, onde o professor de Educação Física não apresenta condições de atuar nas mais variadas demandas do mercado de trabalho.

Ainda hoje a formação profissional se apresenta de maneira teórica, onde a prática ainda é muito distante e essa distância aumenta ainda mais quando o profissional recém formado se depara com a realidade de uma escola. Na universidade os futuros profissionais devem ter condições para estabelecer a ligação entre teoria e a prática, pois ambas se completam e para poderem confrontá-las. O que acontece com muitos profissionais é que alguns conhecimentos concebidos na graduação se efetivam com experiência da sala de aula.

Os estágios profissionalizantes de qualquer área profissional são regulamentados pelo Decreto Lei nº 87.497 de 18/08/1982 e pela Lei nº 6.944 de 07/12/1977, de acordo com esta:

Os estágios devem propiciar a complementação do ensino e da aprendizagem e ser planejados, executados, acompanhados e avaliados em conformidade com os currículos, programas e calendários escolares, e de acordo com o Decreto supra mencionado, no seu artigo 2º, o estágio curricular representa as atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao estudante pela participação em situações reais de vida e trabalho de seu meio sendo que, na condição de procedimento didático

pedagógico, é atividade de competência e responsabilidade da instituição de ensino. (Ministério Público do Trabalho, 2002)

Segundo Silva (2004) muitos graduandos enxergam o estágio como uma carga pesada a transportar ou uma barreira a ser passada, ao invés de encarar os estágios como momentos significativos em sua vida. Só nos damos conta de como o estágio é importante quando nos deparamos com a prática. Para Marques (2000) os estágios possuem um caráter de pesquisa, de investigação das condições do exercício da profissão e dá oportunidade de questionamentos sobre as práticas em andamento. A pesquisa deveria ser condutora dos cursos de formação de professores e não a título de conclusão de curso.

No que se referente à Prática como componente curricular e não mais a Prática de Ensino/Estágio Supervisionado), a Resolução CNE/CP 2 propõe uma carga horária de 400 horas, a ser distribuída ao longo do curso, no intuito de favorecer a reflexão, por parte do futuro profissional, sobre a organização das práticas que consubstanciam a cultura escolar, esportiva, artística, lúdica e tradição educacional.

O Estágio Curricular Supervisionado deve ter início a partir da segunda metade do curso, entendido como um momento privilegiado da experiência profissional, devendo refletir sobre as práticas e as teorias, onde de acordo com o Parecer CNE 28 (2002) os estudantes devem se concentrar em aspectos que são importantes vivenciar.

Todas essas mudanças visam tornar a prática pedagógica e os estágios curriculares parte da formação integrada do professor, onde de acordo com Benites e Souza Neto (2005) o conhecimento se apresenta no exercício da atuação docente. De acordo com esses autores a estruturação dos conhecimentos/saberes tende a apontar para a perspectiva de um corpo de conhecimento sistematizado, embasando a prática profissional, como:

- A formação profissional (das ciências da educação e da ideologia pedagógica) - quando se referem à cultura geral e profissional; a dimensão cultural, social, política e econômica da educação; conhecimento pedagógico; comprometimento com os valores da sociedade democrática; gerenciamento do próprio desenvolvimento profissional;
- Disciplinar (aos diversos campos de conhecimento como a Educação Física) - refere-se aos conteúdos das áreas de conhecimento que são objeto de

ensino; domínio dos conteúdos a serem socializados e conhecimento de processos de investigação;

- Curricular (organização e seleção de conteúdos, métodos, estratégias) - pode ser vinculado aos conteúdos a serem socializados e conhecimento pedagógico;
- Experienciais (da experiência profissional) - como o conhecimento advindo da experiência.
- Sistematizar conhecimentos/saberes e competências, não significa formar pedagogos dentro da área da Educação Física, nem formar um professor de uma área de conhecimento específico.

Com a Resolução CFE 69/69 o currículo mínimo para a formação do professor de Educação Física era de 1800 horas, porém com a Resolução CFE 03/87 este foi ampliado para 2880 horas. O conteúdo da Educação Física passou a ser organizado por áreas de conhecimento como do Ser Humano, da Sociedade, Filosófico e Técnico, tornando os cursos de Licenciatura e Bacharelado, flexíveis. A Resolução CNE/CES 7/2004 tentou corrigir algumas limitações da Resolução CFE 03/87, procurando definir o que se entende por Educação Física, de acordo com o Art. 3º (p. 1):

A Educação Física é uma área de conhecimento e de intervenção acadêmico-profissional que tem como objeto de estudo e de aplicação o movimento humano, com foco nas diferentes formas e modalidades do exercício físico, da ginástica, do jogo, do esporte, da luta/arte marcial, da dança, nas perspectivas da prevenção de problemas de agravo da saúde, promoção, proteção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e reeducação motora, do rendimento físico-esportivo, do lazer, da gestão de empreendimentos relacionados às atividades físicas, recreativas e esportivas, além de outros Campos que oportunizem ou venham a oportunizar a prática de atividades físicas, recreativas e esportivas.

A partir desta delimitação do currículo foi proposto um redimensionamento, acerca da formação profissional, primeiro na Resolução CNE/CP n.º 2 (2002), onde o profissional da Educação Física deve estar apto para analisar a realidade social e intervir

acadêmico e profissionalmente nas diferentes manifestações do movimento, depois no Parecer CNE/CSE n.º 7 (2004), em que o Professor de Educação Física, foi visto como um profissional que também deveria estar qualificado, mas, prioritariamente, no âmbito da docência, tendo como orientação o conteúdo específico da Educação Física e o conteúdo pedagógico proposto na nova resolução. De acordo com Benites e Souza Neto (2005) observando melhor a resolução, se encontra uma formação que procura articular as unidades de conhecimento de formação ampliada, abrangendo dimensões de relação ser humano-sociedade, biologia do corpo humano e produção de conhecimento científico e tecnológico. Estes autores alertam que é preciso ter cuidado com as reestruturações curriculares para que a formação não seja:

“Mista”, e não integrada, se considerar que em três anos se faz um curso e com mais um ano se complementa o outro. Vazia na compreensão de que se fala um pouco de tudo e não se constrói um conhecimento nuclear. De “especialização” na medida que restringe-se à determinado conteúdo, ou conjunto de conteúdos relacionados a um campo de atuação específico. Porém, “arcaica” no dimensionamento utilitarista dado ao conhecimento. E “tecnicista” pela carga de competências estipuladas na formação do profissional.

Deve-se buscar um currículo respeitando as experiências bem sucedidas, onde se possa refletir sobre a teoria e a prática. Os cursos de formação de educadores deveriam ter uma base comum, respeitando a especificidade de cada curso e poderiam ser desenvolvidos projetos, onde esses futuros profissionais pudessem vivenciar e aplicar o que estão aprendendo.

Para Betti (2004) um currículo concebido tendo a prática profissional/pedagógica em Educação Física como eixo central do currículo, que garanta a especificidade da formação, deve conter duas características principais:

1- Organizar-se a partir de temas, oriundos do projeto de Educação Física adotado, da tradição acadêmico-profissional da Educação Física, das novas tendências presentes na cultura corporal de movimento, que resultam da dinâmica social mais ampla, assim com das direções apontadas pela pesquisa científica e pela reflexão científica na área, e das competências específicas que se deseja desenvolver.

2- Tomar como eixo central a dimensão da prática profissional-pedagógica específica à habilitação pretendida. Esta dimensão da prática deveria ser a referência em todas as

disciplinas, no sentido de que devem buscar um permanente diálogo com a Educação Física como área de intervenção acadêmico profissional.

Para Marques, (2000, p. 36 e 37) o discurso da base comum nacional se trata de uma denúncia, tentativa de superação da fragmentação e da desarticulação, onde quer que se manifestem :

- no divórcio entre teoria e prática;
- na distinção entre educador e professor, entre professores e especialistas da educação;
- nas muralhas que estabelecem entre si as disciplinas de conteúdos e disciplinas pedagógicas, entre a Pedagogia, a Didática e as Tecnologias Educacionais;
- nos estágios curriculares e nas práticas de ensino divorciadas do todo e postas à margem dos cursos;
- na diferenciação de valores, pesos, medidas e recursos atribuídos à pesquisa, à administração, ao ensino e à extensão como se funções distintas e separáveis de uma universidade a elas pré-existente e sobranceira;
- na desvinculação existente entre a educação, a escola e a dinâmica social ampla;
- no distanciamento das instâncias formadoras entre si e delas com os sistemas de ensino e as redes de escolas do ensino fundamental e médio;
- na desarticulação entre o ensino superior e os demais graus;
- na separação entre as dimensões cognitivas, as dimensões éticas e as dimensões éticas e as dimensões políticas da formação do educador;
- na pós-graduação desviada da sua função básica que seria a formação para a docência universitária para confinar-se no cultivo de áreas específicas do saber científico e da pesquisa a ele referente.

De acordo com Benites e Souza Neto (2005) a formação do professor deve buscar outras esferas sociais e educativas, além do ambiente escolar, pois este é apenas uma pequena amostra de parte do mundo. A escola reflete diferentes realidades da sociedade civil, sendo necessário conhecer durante a formação, outros ambientes "educativos" para buscar entender melhor questões como as drogas, violência, sexualidade, entre outras. Sobre a formação docente Marques afirma que (2000, p.122);

A formação do educador não pode estar voltada apenas para a aquisição de saberes padronizados, de hábitos e habilidades profissionais, e isolada do contexto geral e do clima oxigenado da formação universitária dos profissionais de nível superior. Requer a formação do educador sua inserção no amplo campo do saber que se renova e se recria na pesquisa e na atenção ao contexto sócio-político da educação em sua concretude.

A Resolução CNE/CP 1 de 2002 traz algumas sugestões em prol à melhoria da formação:

- que haja uma preocupação constante com a qualidade do ensino, por parte das instituições formadoras do professor de Educação Física;
- que as associações de classe assumam sua responsabilidade no acompanhamento dessa formação profissional;
- que as Universidades e Estabelecimentos isoladas de ensino superior, responsáveis exclusivos pela formação do professor de Educação Física, sempre a nível de licenciatura plena, tenham autonomia para elaborar seus próprios currículos;
- que se objetive, na formação de professores de Educação Física, um profissional generalista, com possibilidade de acesso à especialização, com uma consciência ética e democrática e a necessária competência técnica para atuar em sistemas formais e não formais, interpretando a realidade em que atuará e comprometendo-se com a construção de um novo modelo de sociedade;
- que sejam criados mecanismos para o controle da qualidade de programas de atualização, especialmente aqueles desvinculados da Universidade e com finalidade exclusivamente lucrativa.

Grande parte dos profissionais de Educação Física que não tiveram uma boa formação ou se acomodaram, desprezam buscar novos conhecimentos, apresentam dificuldades em sistematizarem seus conteúdos, sendo estes restritos a algumas modalidades esportivas, onde muitas vezes os próprios alunos os definem. Muitos professores ainda continuam fechados a inovações, continuam copiando modelos prontos, fala-se muito e pouco se coloca em prática. Essa utilização apenas dos esportes coletivos tradicionais: futebol, basquete, vôlei e handebol, mostra que muitos professores têm dificuldades em trabalhar outros conteúdos seja pela resistência dos alunos, pela falta de tradição, por insegurança ou por falta de materiais que subsidiem a prática. Muitos professores acabam indo ministrar suas aulas sem as ter planejado, sem objetivos, sem conteúdos e estratégias previamente definidos. Esse tipo de profissional vem denegrindo a imagem de sua classe profissional, dando a impressão que não há necessidade de sua presença e levando as pessoas a terem uma idéia de que a Educação Física é apenas um momento para passar o tempo, um lazer.

O processo de formação de professores deve ser interativo e reflexivo, onde os profissionais tenham consciência de sua função e saibam desempenhá-la, sem recorrer a receitas prontas, refletir sobre sua prática docente, saibam usar da criatividade quando for preciso e principalmente acreditem num futuro melhor.

A formação se consolida através da reflexão da prática e dos conteúdos, permitindo ao educador reavaliar seu trabalho e permeá-lo em busca de uma sociedade mais

justa. De acordo com Freire (2002) para melhorar a é necessário, refletir criticamente sobre a prática de hoje e a do passado, pois saber ensinar não é transferir conhecimento, mas segundo o mesmo autor criar possibilidades para a construção ou produção do saber. Sobre isso Morin (2001), afirma que o objetivo da educação não é o de somente transmitir conhecimentos, mas criar um espírito para toda vida, onde ensinar é viver em transformações consigo próprio e com os outros. Portanto a educação é fundamentada na cooperação e na autonomia

Para ser um educador é necessário ter segundo Freire (2002) responsabilidade ética, que no exercício docente significa respeitamos os nossos alunos, seus conhecimentos prévios, suas necessidades, sermos imparciais e trabalharmos buscando uma formação crítica, respeitando nossos colegas de trabalho. Somos éticos quando lutamos por nossos valores, quando almejamos um mundo melhor para todos.

7- ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com este trabalho constatamos que os Jogos Cooperativos ainda são pouco utilizados e tem seu entendimento confuso entre os professores. Foram entrevistados cinco, que representa cerca de 83% dos professores da Rede de Ensino da cidade de Descalvado, onde foi possível constatar que cinco professores se simpatizam com os Jogos Cooperativos, dois destes disseram que já obtiveram bons resultados. Dentre os entrevistados apenas um professor nunca os aplicou, nem ouviu falar deste tipo de jogo. É perceptível que os professores entrevistados possuem poucas informações sobre os Jogos Cooperativos e necessitam de mais esclarecimentos para dialogarem e terem argumentos favoráveis ou desfavoráveis deste tipo de jogo. Quatro entrevistados demonstraram interesse sobre o assunto e uma professora comentou sobre a falta de capacitação e de formação continuada que abordem temas como este. Um dos professores alegou que os alunos preferem os jogos competitivos por serem mais motivadores. Mas mais motivadores para quem? Ou para quantos? Certamente para os mais habilidosos. Disse os alunos já chegam na aula esperando vôlei, basquete, futebol. Os alunos estão habituados com aulas que abordem esses conteúdos, não tiveram a oportunidade de conhecerem outras práticas, desta forma fica claro a necessidade de um trabalho diferenciado desde as séries iniciais, para que o aluno vivencie o maior número possível de experiências e construa sua cultura corporal. Segundo um dos professores, ele ministra aquilo que o aluno quer, ou seja, é o aluno quem dita o conteúdo do dia, portanto o professor passa para o papel secundário, deixa seu planejamento de

lado, perde sua voz ativa e a Educação Física passa a ser mero momento de lazer, sem qualquer importância.

As aulas de todos os professores entrevistados foram observadas, neste dia em uma das escolas estava tendo um evento de dança, nas outras escolas os alunos estavam divididos em grupos de meninas e meninos, jogando futebol e voleibol. Portanto em nenhuma das aulas a cooperação estava inserida.

Na experiência feita com uma das séries da Escola Municipal de Ensino Fundamental Coronel Tobias, foram utilizados apenas Jogos Cooperativos, onde todos participaram, se divertiram, refletiram sobre o que vivenciaram, expuseram seus pontos de vistas durante o diálogo no final das atividades. Ficou claro o resultado positivo, tanto na expressão dos alunos que participaram, como nos relatos feitos por eles.



Alunos do 4º Ano realizando a brincadeira “Você me Ama?”



Alunos do 4º Ano realizando a brincadeira “Você me Ama?”



Brincadeira “Eu sentei no jardim com meu amigo...”



Brincadeira “Teia de Aranha”

8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Repensar, este é o caminho. A educação carece de reflexão, para que a prática docente sofra mudanças e seja cada dia melhor, assim também como o tipo de educação que está sendo oferecida aos nossos alunos. O professor deve rever sua atuação, estando sempre atualizado, procurando adequar e suprir todas as carências que forem surgindo no decorrer do processo educativo.

Comparando o ensino de hoje com o ofertado há anos atrás é possível perceber que poucas foram as mudanças, muitas queixas ainda são as mesmas, porém são grandes as diferenças no que se refere aos padrões morais, sociais, financeiros, que existem entre a criança de hoje e a criança de ontem. No entanto as crianças continuam gostando de brincar e imaginar. As aulas de Educação Física, assim como as de outras disciplinas podem utilizar deste fato para despertarem o interesse da criança, facilitando e contribuindo para construção de seu conhecimento.

O interesse do aluno por determinada atividade, não deve ser desperdiçado, devemos aproveitá-lo e a partir deste adequar nossos objetivos, isso não significa deixar de lado todo nosso planejamento ou deixar a aula por conta dos alunos. Muitos professores utilizam desse

argumento para o fato de dar duas bolas, a de futebol para os meninos e de vôlei para as meninas e se manter como mero espectador.

A Educação Física é parte da formação do cidadão, deve contribuir com seu desenvolvimento integral, auxiliando na construção de uma cultura corporal, colocando o aluno em contato com os esportes, danças, jogos, brincadeiras, enfim com inúmeras possibilidades de movimento, que harmonizam corpo e mente. A Educação Física encarada com seriedade pelos educadores, auxilia na construção de valores e conceitos, enfim de um vasto conhecimento.

São vários os caminhos que o professor pode trilhar para alcançar seus objetivos, estes devem ser de acordo com a sua realidade. Com a realização deste trabalho conclui-se que os Jogos Cooperativos podem ser uma boa estratégia ou um conteúdo muito pertinente, considerando as atuais relações humanas dentro e fora da escola.

Constantemente presenciamos situações em que os alunos saem da brincadeira por não terem ganhado o jogo, ou se recusam a participar com medo de serem ridicularizados, ou ainda são ofendidos pelos colegas de equipe por não estarem contribuindo para serem campeões, entre outras situações. Fatos como estes que se estendem a muitas escolas pelo nosso país, mas quem está saindo vitorioso de atividades que promovem as situações citadas anteriormente? Daí a importância e a necessidade dos Jogos Cooperativos estarem inserido no contexto escolar, pois estes visam a participação e contribuição de todos, além de propiciarem situações onde podem e devem ser discutidas a importância de cada integrante do grupo e a vantagem de uma vitória coletiva.

De acordo com os dados obtidos na realização deste trabalho, concluímos que o significado e importância dos Jogos Cooperativos ainda não estão claros para os professores de Educação Física. Apresentam pouco conhecimento a respeito e não buscaram por cursos que abordassem o tema.

Cabe ao professor se atualizar e procurar maneiras que possibilitem oferecer um ensino de maior qualidade, e as universidades fornecerem condições para que os futuros profissionais tenham condições de associar a teoria à prática.

Quando se fala em Jogos Cooperativos, não quer dizer que os outros tipos de jogos e atividades devam ser abolidos da escola, significa que os professores também podem contar com os Jogos Cooperativos na busca por seus objetivos. O currículo escolar deve ser

diversificado, aproveitando os aspectos positivos de cada atividade planejada, atendendo as necessidades dos alunos.

Os Jogos Cooperativos sem dúvida pode render grandes resultados se o professor acreditar em sua importância. A cooperação é necessária dentro da escola, essa deve se estender aos educandos, estar inserida em todos ambientes da escola, em cada funcionário. Deve atravessar os muros da escola e chegar a quem se encontra fora dela.

REFERÊNCIAS

ARANHA, C. S. G. et al. Formação de educadores: pesquisas e estudos qualitativos. São Paulo: Olho D'Água, 1999. 127 p.

BENITES, L., C; Souza Neto, Samuel. Educação física e formação profissional. Revista Digital – Buenos Aires - Año 10 - N° 81 - Fevereiro de 2005. <http://www.efdeportes.com/efd81/efprof.htm>. Acesso 20/01/2006.

BETTI, M. Ensino e graduação em educação física: a perspectiva e desafios futuros. In: SIMPÓSIO SOBRE ENSINO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA/ II COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA: 10 anos do curso de educação física da UFSCar. Disponível em CD. São Carlos, 2004.

____ M. Ensino de 1° e 2° graus: educação física para quê? Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.13, n.2, p. 282-7, 1992.

____ Educação Física e Sociedade. São Paulo: Movimento, 1991.

BRASIL. Parecer CNE/CES n.º 7, de 31 de março de 2004.

____ Parecer CNE/CES n.º 58 de 18 de fevereiro de 2004.

____ Parecer CNE/CES n.º 138 de 25 de abril de 2002.

____ Resolução CNE/CP n.º 2, de 19 de fevereiro de 2002.

____ Resolução CNE/CP n.º1, de 18 de fevereiro de 2002.

____ Parecer CNE/CP n.º.28, de 2 de outubro de 2001.

____ Congresso Nacional. Lei 9394, de 17 de dezembro de 1996.

____ Resolução n.º 3, de 16 de junho de 1987. Diário Oficial n.172, Brasília, 1987.

____ Decreto-Lei n.º 8270, de 3 de dezembro de 1945.

____ Conselho Federal de Educação. Resolução n.º69, de 2 de dezembro de 1969.

____ Resolução n.º 9, de 6 de outubro de 1969.

____ Parecer n.º 292, de 14 de novembro de 1962.

____ Congresso Nacional. Lei 4024, de 20 de dezembro de 1961.

____ Conselho Federal de Educação. Decreto-Lei n.º 1212, de 7 de abril de 1939.

____Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física/ Secretaria de Ensino fundamental: Brasília: MEC/SEF, 2001.

____Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física/ Secretaria de Ensino fundamental: Brasília: MEC/SEF, 1997.

BROTTO, F. O. Jogos Cooperativos: uma pedagogia da cooperação. Revista Jogos Cooperativos, Barueri, nº 3, ano I. Outubro 2001.

____Jogos cooperativos: um exercício de com-vivência. São Paulo: SESC, 1999.

____Jogos cooperativos: se o importante é competir, fundamental é cooperar. São Paulo: Cepeusp. 1995 / Santos: Projeto Cooperação. Re-novada, 1997).

BROWN, G. Jogos cooperativos: teoria e prática. São Paulo: Sinodal, 1994.

CASTELLANI FILHO, L. Educação Física no Brasil a história que não se conta 4ª edição – Campinas: Papirus, 1994.

FREIRE, J. B. Educação de Corpo Inteiro. São Paulo: Scipione, 1994.

____Educação de corpo inteiro. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002

____Pedagogia da autonomia: saberes necessários à pratica educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, A Brincar: crescer e aprender o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. Educação Física progressista: a pedagogia crítico social dos conteúdos e a educação física brasileira. São Paulo: Loyola, 1988.

MARQUES, M. O. Formação do profissional da educação. UNIJUI : 3 ed. Ijuí, 2000.

MEDINA, J. P. S. A Educação física cuida do corpo e mente. Campinas: Papirus, 1987.

____A Educação Física cuida do corpo... e "mente". Campinas: Papirus, 1983

MOREIRA, W. W. e SIMÕES, R. (orgs). Educação Física: intervenção e conhecimento científico. Piracicaba, Ed. Unimep, 2004.

MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

NISTA-PICCOLO, V. L.(org). Educação Física Escolar: ser...ou não ter? Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1995.

OLIVEIRA, V.B. de (Org.). O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Petrópolis: Vozes, 2004.

ORLICK, T. Vencendo a competição. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PIAGET, J. (1951). A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

SÃO PAULO. Governo do estado de São Paulo. Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9.394. Ed. do Brasil S/A, 1998.

SÉRGIO, M. Epistemologia da motricidade humana. Lisboa: FMH, 1996.

SILVA, S. Ap. P S. Estágios curriculares na formação de professores de educação física: o ideal, o real e o possível. In: SIMPÓSIO SOBRE ENSINO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA/ II COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA: 10 anos do curso de educação física da UFSCar. Disponível em CD. São Carlos, 2004.

SOLER, R. Jogos Cooperativos para Educação Infantil. Rio de Janeiro: Sprint. 2003.

SNYDERS, G. Escola, classe e luta de classes. Lisboa: Moraes, 1981.

TEIXEIRA, M. Afinal de onde vem estes jogos? Revista Jogos Cooperativos. Barueri, nº 1, ano 1. Setembro 2001.

TUBINO, M. J. G. Dimensões sociais do esporte. 2.ed revista. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

11 - ANEXO I

ENTREVISTAS

Questões:

- 1 - Como você vê o jogo dentro do processo educacional?
- 2 - O que você sabe sobre os Jogos Cooperativos?
- 3 - Você já os utilizou em suas em suas aulas? Como foi o resultado?

Respostas:

Professor 1

1 – Bom, eu acho que o jogo é a principal estratégia que o professor tem para desenvolver seu trabalho dentro de uma escola. As crianças quando chegam à escola, elas já vem com a intenção de fazer Educação Física desenvolvendo os jogos, tanto o jogo cooperativo como os jogos competitivos são os principais motivadores que a gente para desenvolver o processo ensino aprendizagem.

2 – Bom, a gente já tem esse conhecimento dos jogos cooperativos já faz algum tempo, a gente trabalha principalmente nas atividades da prefeitura, também nas escolas do estado. Nas escolas estaduais a gente trabalha, mas a gente percebe claramente uma preferência dos alunos pelas atividades, pelos jogos competitivos.

3 – Já, já foram utilizados, mas como eu falei na pergunta anterior, a gente sente que os alunos são mais motivados pelos jogos competitivos, as atividades cooperativas, os jogos cooperativos os alunos desenvolvem, mas quando a gente começa a trabalhar um, dois, ou até mais dias a gente sente que eles começam a se desinteressar, começam a pedir as atividades dos jogos mais competitivos, principalmente porque eu trabalho mais com o pessoal do ensino médio e eles têm, já vem com esse negócio em mente que eles vêm para escola para fazer Educação Física, para disputar jogos, fazer atividades como futebol, basquete, vôlei, handebol, então a gente sente que a motivação deles é maior pelos jogos competitivos. E esse quando bem trabalhados, eu acho que até mesmo a competição pode ser melhor aproveitada que os jogos cooperativos.

Professor 2:

1 – Na minha forma de ver, o jogo, tem dois tipos de jogos que eu acho, jogo cooperativo e jogo de competição, eu prefiro o jogo cooperativo. A competição pra escola, pra escola isso aí, eu acho que fica, se forma um time pra competição, vai separar muito, vou falar um time de futebol, se vai pega lá trinta crianças que querem jogar, se vai separa, separa, se vai ficar com doze. Então vai ter muita exclusão, eu acho que devia ser uma competição visando todo mundo participar, mas é isso aí.

2 – Bom, ao meu ver, os jogos cooperativos, eu acho que é essencial para criança, vamos falar na fase dos sete aos quinze anos, porque, vai visar a cooperação entre um e outro, qualquer jogo se tem que ter a cooperação um do outro, pra se chegar a algum resultado, te alguma, um final vamos fala, perai fugiu da cabeça. Vamos fala de um jogo de handebol que seja, se você não tiver cooperação entre todos os jogadores, você não faz um time, não faz um jogo, não tem uma cooperação. Um jogador sozinho não ganha jogo, para ter um time, ou que seja uma cooperação, tem que te, um joga ajudando o outro para chegar ao um final, eu não sei, alguma coisa desse assim.

3 – Nas minhas aulas, bom é assim, tem classe que a gente consegue até usa, tem classe que não, tem classe que a gente faz ou tenta fazer os jogos, sempre dá um resultado positivo na parte de inclusão, porque todo mundo participa, não tem ninguém que fique fora, ou que sai, ou se exclua do jogo, então eu acho que é uma cooperação entre eles todos.

Professor 3:

1 - Muito importante pro desenvolvimento da criança, mas não aquele que você faz ela ficar muito acirrada no jogo, não. A gente dá jogos que a criança consiga fazer sem levar em conta muito o ganhá, não são jogos cooperativos, são jogos competitivos, mas eu procuro a ênfase de não deixar ficar só no ganhar, de competir, eu acho mais importante.

2 – Bastante coisa, gosto, são jogos que tem muitos que a gente pode repetir e alguns que a segunda vez a criança não se interessa mais. Precisa saber o que pegar dos jogos cooperativos, tem muita coisa boa, muita coisa que não leva a nada.

3 – Já e foi muito bom. Quando os jogos dá pra se repetir várias vezes, cada vez que repete o resultado melhora e é difícil das crianças perceberem que eles não estão competindo, que eles estão cooperando, eles gostam do tipo de jogo, eles acham que o jogo fica comprido, legal, mas não imagina que é cooperativo, você tem que ensinar tudo aquilo, olha que bom você fez isso, você fez aquilo, eles não percebem tudo isso sozinhos.

Professor 4:

1 - Ah é uma das formas que a gente consegue desenvolver melhor as habilidades, atitudes, comportamento e essa facilidade a gente percebe mais facilmente, o retorno é mais fácil porque ela é feita de uma forma assim mais prazerosa, mais lúdica, acho que é isso aí.

2 - Eu sei pouca coisa dos jogos cooperativos, eu fiz um curso sobre e li alguma coisa, algumas apostilas, mas eu considero que ainda é muito pouco pra gente trabalhar.

3 – Eu utilizei no Ensino Fundamental, mas achei que o resultado foi bom, porque tira, perde aquela rivalidade do jogo competitivo. E o resultado realmente foi bom, mas eu acho que é mais fácil de ser aplicado no Ensino Fundamental que no Ensino Médio. Porque no Ensino Médio não tem muita aceitação, não estão acostumados com isso.

Professor 5:

1 - Na faculdade né, aqui, eu to aprendendo né, eu só novo, só novo, to aprendendo, então na minha aula o aluno, não deixo ninguém, por exemplo, a professor não quero fazer nada, não vai fazer sim, tem muitos que fala que Educação Física não é obrigatório, é lógico que é. Na minha aula você vai ter que fazer, eu pego e faz alguma coisa. Se não quiser fazer eu levo pra diretoria Soraya. Eu levo pra diretora Soraya, não quer fazer, como que eu vo, como que eu vo, avaliar pra dá nota, fica parado, como que eu posso da nota, né? Então eu obrigo fazer tudo que ué, tem briga, coloca o aluno, conversa com o aluno, oh Educação Física é muito importante, pra saúde, Educação Física é pra motiva o corpo, não é pra fica parado, tem que fazer, pra brinca, joga futebol, vôlei, handebol e brincadeira, jogo, eu gosto muito, não deixo ninguém sem fazer nada.

2 – Jogo cooperativo eu não aprendi ainda, eu to aprendendo agora, porque na faculdade, eu so deficiente auditivo, eu já pedi desde o primeiro ano pra faculdade e eles não arrumaram, não arrumaram um interprete, pra mim entende. Eu já pedi, eu já pedi, durante um ano, dois anos, terceiro ano, nada, com isso eu fiquei sem entende nada. Eu fico perguntando pó colega meu, pa mim entende o que significava, então eu me viro aprendendo sozinho, eu fico perguntando pro professores, da escola, participando junto, acompanhamento com professor.

3 – Por enquanto não.

12 - ANEXO II OBSERVAÇÕES DAS AULAS

Aula 1

Os alunos estavam divididos meninas em uma quadra jogando vôlei, meninos em outra jogando futebol, muitos alunos que estavam sem aula sentados ao redor das quadras. O professor acredita que os jogos cooperativos não trabalham o que os jogos competitivos trabalham, ou seja, os conceitos de perder e ganhar, possibilitando reavaliá-los. Deixou claro que há uma certa competição entre os alunos por quem vai participar dos jogos e que geralmente quem não é tão bom fica de fora, porém acredita que os que participam compreendem o sentido de um pedido de desculpas e da importância de evitar a violência.

Aula 2

Os alunos estavam se preparando para uma comemoração dentro da escola, onde foram apresentados vários números de danças, as músicas e coreografias foram escolhidas e criadas pelos próprios alunos. O professor apresentou durante a entrevista, interesse por aprender mais sobre os jogos cooperativos, disse que os hábitos precisam ser modificados desde cedo, desde as séries iniciais. Em seu tempo de experiência como docente, relatou que já presenciou várias competições entre escolas, que nestas era claro a importância que a vitória tinha para algumas equipes, mesmo que esta desmotivasse e até aborrecesse os outros participantes. O professor sofre com a falta de materiais e até mesmo de espaço, já que sua escola é recém inaugurada e ainda não possui quadra. Ele utiliza a quadra de um clube privado que se localiza ao lado da escola, mas alega que nem sempre é viável utilizá-lo devido ao mau comportamento de alguns alunos.

Aula 3

A aula estava sendo ministrada na sala de aula, segundo a professora ela estava fechando as notas do bimestre, pois além das aulas práticas ele aplica avaliação escrita, as crianças possuem um caderninho para anotarem as aulas.

Aula 4

Alguns alunos jogavam vôlei na quadra, outros estavam tocando a bola de vôlei e outros estavam sentados ao lado da professora. A professora deixou claro que acredita que os jogos cooperativos devam ser aplicados principalmente nas séries iniciais.

Aula 5

O professor estava terminando de passar as notas, pois precisava entregá-las. O professor é deficiente auditivo e fala com alguma dificuldade. Mostrou-se interessado, me perguntou o que seria esses jogos cooperativos que ele nunca tinha ouvido falar, me pediu exemplo e me perguntou que livro ele poderia procurar.

13 - ANEXO III

RELATÓRIO DOS ALUNOS

1 - Ingrid Cerantola Jó

Bem eu achei ótimo essa professora de Educação física ter aparecido por aqui, fazia tempo que não recebíamos novas brincadeiras, novas atividades e o melhor é que desenvolvemos mais nossos cérebros, nossa mente, nosso corpo, podemos ensinar a outras pessoas essas divertidas brincadeiras, na minha opinião foi ótimo, pena que acabou tão rápido, nem parece que foi 1:00 h e sim parece que foi 00:5 min. Foi ótimo, viva a Ed. Física!!! Viva!

2 - Carlos Henrique

Eu gostei muito e fis a brincadeira em casa e na rua todos gostaram eu queria fazer a brincadeira com a Flavia podemos fazer mais aula toda sexta-feira seria o maior barato todo irinhão gostar eugostei muito ada brincadera, você me ma, eu sente no jardi com meu vizinho e tenha.

3 - Jaqueline Ap. Fernandes

Sexta-feira teve uma aula maravilhosa de Educação Física, o nome da professora é Flávia, a gente brincamos de, no jardim, a brincadeira da caneta a gente tivemos que colocar a caneta dentro da garafa. Tinha uma que era assim, uma falava assim:

_Você me ama?

Ai o outro fala um defeito.

Exemplo: Se ele estava com tênis, quem estava com tênis, trocava-se e se acaba a cadeira e o outro de pé aí começava, tudo de novo.

Flávia, tirou foto, filmou, etc.

Nós adoramos as aulas de Educação Física.

Queria ficar mais um pouco, porque estava muito legal.

A gente se divertimos muito.

4 - Júlia Lopes Calza

A aula com a professora Flávia nós brincamos de Eu amo você, eu foi na praça com meu amigo, de por a caneta na garrafa e eu achei legal divertido nós vez com tesoura, a garrafa e caneta e eu vi que todas as brincadeiras a Flávia queria mostrar que tinha alguma coisa de inportante e não era para competir era para ver o conportamento e as brincadeira foi assim você me ama foi um amigo e falava

_Vocême ama ai o outro falava

-Não

-Porque

Porque você tem brinco

Aí todos que tinha brinco tinha que sair do lugar É uma das brincadeiras que eu mais gostei e todos nos falamos

_Tchau

beijos Julia

5 - Juliana

A Educação Física foi dada pela professora Flávia, ela da aula aqui no grupo, ela é muito legal ela deu essa brincadeiras: Eu sentei, no jardim com meu amigo a outra foi Você me ama e teia de aranha.

Ela deu cada brincadeira legal, e a gente se divertiu muito, só que ai acabou, e a gente não gostou muito.

Mas compensou um pouco só brincando, a depois a gente foi para a classe e fizemos lição.

Eu amo Educação Física

6 - Nathalia F Zanelato

Na sexta-feira fomos convidados para fazer algumas atividades com a professora Flávia que ela fotografaria as brincadeiras para um trabalho na faculdade.

A gente brincamos de você me ama, tenha de aranha e a que mais gostei eu sentei com meu amigo no jardim.

Foi super legalmas a gente brincamos pouco mas foi super legal, a gente levamos as cadeiras foi legal a professora Creusa filmou a gente brincando a professora Flávia era muito simpática e seria a hora que precisa mas a mais legal e que a Flávia pegou a gente de surpresa na classe.

A professora Creusa deixou porque era brincadeira novas todos ficaram curioso antes de chegar lá embaixo foi super legal, todos nos queríamos que este dia se repetiria para nós. Fim

7 - Lucas T Botaro Von Schimidt

Eu aprendi uma brincadeira muito legal com a minha prof. Flávia essa brincadeira se chama: Você me ama! É assim que se brinca.

. Primeiro faz uma roda de cadeiras, e depois alguém chega em frente e pergunta:

_Você me ama?

Se o outro responder não, e aí você pergunta:

_Porque, se ele (a) falar porque você está de tênis todo mundo que estivesse de tênis mudava de lugar, e se ele (a) responde sim seria a mesma coisa.

.Segundo a gente precisa ser esperto.

.Terceiro não repara muito nas aparências das pessoas.

Está vendo como é legal ter uma professora de Ed. Física igual a essa.

8 - Delian Augusto da Silva Martins

Sexta-feira foi muito legal a professora Flávia fez uma brincadeira muito legal nós nunca brincamos da aquela brincadeira mas uma dia nós vamos brincar-se nós se comportar. Nós estamos te esperando para que você vorte para que você invente mais.

Flavia você tem muitas brincadeira legais.

Eu Delian vou convidar meus melhores amigos para fazer essas brincadeira.

Mas nós não sabíamos que ela iriam vim aqui mas essa dia foi muito legal, ela também é muito legal gosta de falar, brincar etc...

Thau Flavia eu te espero para nós brincarmos outra vez.

9 - Ariela de Cássia Correa

A coisa que eu mais gostei da Educação Física foi a educação da professora Flavia

Gostei muito do jeito da professora Flavia Como: Seu jeito de falar, brincar, e sorrir.

A educação física foi legal mas fiquei com um pouco tímida com os gravados que a professora Flávia havia levado.

As brincadeiras também foi muito legal como o amigo no jardim, dei muita risada com essas brincadeiras.

Quando foi chegando ao fim da brincadeira fiquei muito triste mas ela disse que ia voltar outro dia para brincar de novo

10 – Mariana Ruiz

Era um dia comum de escola, quando de repente alguém bate na porta, era professora Flávia que veio para dar uma aula, a dona Creusa (minha professora) adorou a idéia porque é bom dar algumas aulas diferentes.

Então fomos lá fora, mas uma condição, ficar bem comportados. As brincadeiras começaram, todas com suas morais.

Primeiro brincamos de você me ama, e concerteza, ninguém me amou, era assim um perguntava para o outro você me ama e o outro respondia e falava o porque, e quem tivesse esse porque, tinha que sair do lugar para achar outro lugar, bem foi essa a brincadeira que eu mais gostei.

Bem queria ter outras aulas com ela.